

Homilia – 12 de setembro de 2025

“Com Maria, levar Cristo ao coração do mundo” (Lc 1,26–38)

Jubileu de 75 anos da missão de João Pozzobon

Queridos irmãos e irmãs em Cristo, hoje o Evangelho nos conduz a uma pequena e simples casa em Nazaré. Ali, no silêncio da vida cotidiana, acontece algo que mudará para sempre a história do mundo. O anjo Gabriel entra – um mensageiro vindo da eternidade – e traz palavras que unem o céu e a terra: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo.”

Maria se inquieta, pergunta, luta com o incompreensível. Porém em meio desse combate interior, entre perguntas (e talvez até medo), seu coração se abre a Deus. Ela responde: “Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra.” Este “Fiat” é mais que um sim pessoal: é a porta pela qual Deus se fez homem. É o momento em que o Verbo se faz carne porque uma jovem esteve disposta a entregar-se por completo aos planos de Deus.

E aqui começa a missão de Maria: levar a Cristo em seu ventre, não para guardá-lo para si, senão para entregá-lo. Por isso vai com prontidão à casa de Isabel – a primeira missionária da história.

A festa do Santíssimo Nome de Maria

Não é casualidade que escutamos este Evangelho hoje, 12 de setembro. Celebramos a festa do Santíssimo Nome de Maria – uma festa que nos recorda a proximidade, a proteção e a força que guarda este nome.

Sua origem remonta ao ano de 1683: Viena estava rodeada por uma grande ameaça. Os cristãos clamavam por ajuda e o rei João Sobieski da Polônia, profundamente religioso e consagrado à Virgem Maria, marchou com seu exército para a batalha. Antes do combate confiou a vitória a Maria e mandou levar sua imagem à frente. Com o grito “Maria!” os soldados avançaram – e a situação mudou. A vitória foi entendida não somente como um êxito militar, mas também como um triunfo espiritual. Em agradecimento, o papa Inocêncio XI instituiu a festa do Santíssimo Nome de Maria para toda a Igreja.

O nome de Maria não é somente uma palavra: é um refúgio. Representa sua intercessão, sua proximidade, sua fortaleza maternal. Na Anunciação escutamos como Deus mesmo pronuncia seu nome ao chamá-la. Em Viena vemos como esse nome se converte em estandarte de vitória. E em nossa vida diária pode converter-se em uma oração em nossos lábios, em uma âncora em tempos de dificuldade.

1. Maria – a primeira missionária

Maria disse seu “sim” e se converte na primeira que leva Cristo ao mundo. Não fica em Nazaré, mas sai para compartilhar o que recebeu.

Assim foi também com João Luiz Pozzobon. Quando, em 1950, acolheu em sua vida a Mãe Peregrina de Schoenstatt, começou sua própria “visitação”: visitas às famílias, doentes, estudantes, presos. Não buscava fama nem reconhecimento, somente, como Maria, cumprir a vontade de Deus. Tinha algo mais importante: um coração cheio de fé e de amor a Mãe de Deus.

“Não tenhais medo de confiar-vos a Maria! Ela os levará a Cristo.” – São João Paulo II

2. A família – lugar da primeira evangelização

João era esposo, pai de sete filhos, agricultor. Sua missão começou em sua própria casa – em sua “Nazaré” – perante a imagem da Mãe Peregrina. Junto de sua esposa Vitória, fez de seu lar um lugar de encontro com Deus. Sua casa se converteu no primeiro “Santuário-lar”.

Hoje, quando pensamos na nova evangelização muitas vezes imaginamos programas e estratégias. João nos recorda: “Se eu me descuidar da minha família não adianta eu fazer grandes coisas.”

Tudo começa em casa – com a oração em comum, o terço, o simples “Ave-Maria” em meio ao cotidiano. Esta profunda consciência da unidade entre a vida familiar e a missão corresponde ao ensinamento do Padre Kentenich, que via a família como o “berço de uma nova cultura da aliança”.

Hoje, quando a família sofre graves dificuldades – divisões, relações superficiais, secularização – precisamos testemunhos que, como Pozzobon, nos recordam: a família é a primeira escola da fé e do amor, a Igreja doméstica. Ali aprendemos a oração, o perdão, o espírito de sacrifício e a confiança.

São João Paulo II escreveu: “A família é o primeiro e mais importante caminho da Igreja, porque é o caminho do homem” (*Gratissimam sane*, 1994).

3. A missão dos leigos – a atualidade de Pozzobon

Há 75 anos João iniciou uma missão que hoje chega a milhares de famílias em todo o mundo. Não era teólogo nem religioso, mas sim um cristão simples com um grande coração. O papa Francisco afirma: “Todos somos discípulos missionários.” (*Evangelii Gaudium*, 120)

Como Maria, esteve em seu lugar na história, disposto a fazer sua parte – e Deus fez o resto. A união com a espiritualidade de Schoenstatt e, ao mesmo tempo, o profundo enraizamento na vida paroquial e sacramental fez de sua missão uma ponte entre a espiritualidade e a vida diária, entre teologia e existência.

Foi um exemplo vivo do que São João Paulo II chamou de “a santidade da vida cotidiana” – tão necessária em um mundo que se perde no ritmo acelerado e no relativismo.

4. Maria – estrela da evangelização e mãe do cotidiano

João dizia com frequência: “Eu não levava a imagem – era a Mãe que me levava.” Não levava somente uma imagem da Virgem, levava sua presença. Onde a Mãe entrava, aconteciam coisas: as famílias começavam a rezar juntas, os doentes recobravam a esperança, as crianças experimentavam o amor de Deus. Não foi um estrategista pastoral: foi um instrumento em suas mãos.

Hoje, quando a Igreja enfrenta a indiferença religiosa e a confusão moral, devemos redescobrir a força dos gestos simples e da presença de Maria na vida diária. Porque onde Maria entra, entra Cristo – como na casa de Isabel, assim também hoje.

Também nós podemos deixar-nos levar por ela. A festa do Santíssimo Nome de Maria nos convida a dar-lhe este lugar em nossa vida: como conselheira, intercessora e mãe que nos conduz a Cristo.

Conclusão

Hoje, em sua festa e no jubileu da missão, podemos nos perguntar:

- ▶ Dizemos nosso “Fiat” diário – como Maria?
- ▶ Enfrentamos nosso combate de fé – como Sobieski?
- ▶ Levamos Cristo ao mundo – como João Pozzobon?

Deixemo-nos proteger e guiar pelo Santíssimo Nome de Maria, para que possamos levar Cristo ao coração do mundo.

Queridos irmãos e irmãs, hoje a Igreja necessita “Pozzobons” entre os leigos – mães e pais, professores, avós, jovens – pessoas que não esperam as condições perfeitas, mas que comecem agora: em seu lar, com seu vizinho, em sua paróquia.

A Igreja necessita homens que sejam pontes de amor. Necessita famílias que sejam oásis de oração e de comunhão. Necessita a Maria no centro da evangelização – como a que conduz a Jesus.

Hoje Deus nos pergunta, como perguntou a Moisés diante da sarça ardente: “Tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que te encontras é uma terra santa.” (Ex 3,5).¹⁰³

A vida de João Luiz Pozzobon é essa terra sagrada – marcada de amor, fidelidade e serviço. Seu exemplo é um convite a um compromisso pessoal. Que cada uma de nossas famílias seja um Santuário-lar. Que cada um de nós seja um peregrino de Maria – com o terço na mão e fogo no coração. “O homem não pode se encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”. - São João Paulo II (*Gaudium et Spes*, 24).

Deixemo-nos levar por Maria, como levou a João, e sejamos este fogo que incendeia o mundo. Amém.